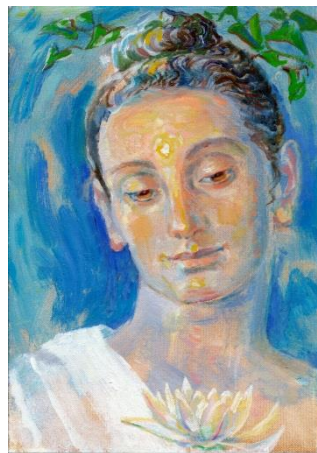




Aspectos da Personalidade e Obra de Buddha

Texto original de Nissim Cohen, upâsaka Dhammasâri
Organização e tradução das citações canônicas: Gustavo Mokusen

NAMO TASSA BHAGAVATO ARAHATO SAMMÂSAMBUDDHASSA **Homenagem a Ele, ao Afortunado, ao Consumado, ao Perfeitamente Iluminado**



Estamos no mês de maio. Neste mês é comemorado, em alguns países asiáticos e no Ocidente, um evento tríplice relacionado ao Buddha: Seu nascimento, sua Iluminação (Nirvana) e seu passamento (Parinirvana); portanto, nada mais apropriado do que falarmos um pouco a respeito dele. Nós examinaremos alguns aspectos da vida dele anterior à Iluminação de um ângulo pouco conhecido do público, em geral.

Os estudiosos japoneses cunharam uma palavra para o ensinamento de Buddha: o Budismo Primitivo; isto porque o ensinamento de Buddha foi o núcleo, a origem de todas aquelas escolas e seitas que se desenvolveram mais tarde. (...) O Budismo Primitivo não era uma religião propriamente dita, ao contrário do que muitos pensam; antes de qualquer coisa, era uma técnica de viver, era um caminho de vida que se percorria pela adoção de um conjunto de práticas, de ordem moral, mental e de conhecimento superior. (...) Embora este Budismo Primitivo, nos séculos subsequentes ao de Buddha, tenha se desmembrado num grande número de escolas e seitas de múltiplas facetas que, com o correr do tempo, adquiriram as características de uma verdadeira religião —, aqueles ensinamentos básicos foram preservados e permanecem até os dias de hoje. Conseqüentemente, esta flexibilidade do Budismo, aliada ao fato de que — no que diz respeito à meditação — não está comprometido com qualquer religiosidade permite às pessoas dos mais diferentes credos ou crenças a praticarem-no.

Nas antigas escrituras (Cânone Páli) não encontramos nenhuma biografia de Buddha; o que há são trechos autobiográficos, recordações que o próprio Buddha conta em diversas ocasiões. As biografias semi-lendárias sobre Buddha, tanto em páli como em sânscrito, apareceram séculos mais tarde, mas foi só recentemente que foram colocadas ao alcance do público ocidental (a mais famosa delas é a Lalita Vistara). (...)

Pelas antigas escrituras, a imagem que nós temos de Sidarta Gotama — o nome dele antes da Iluminação — é a de um jovem à volta com problemas existenciais, aflito e angustiado por questões ligadas ao mistério e enigma da vida: a observação de que as coisas nesta vida são passageiras, transientes e



impermanentes; a constatação de que a insatisfação ou sofrimento ser um fenômeno mais geral, mais abrangente, mais duradouro do que a sua contrapartida, a felicidade, de mais escassos momentos e menos duradoura. E acima de tudo, o enigma, o mistério da vida que se expressa naquele ciclo interminável que começa com nascimento, caminha rumo ao envelhecimento, termina na morte para recomeçar de novo no nascimento; depois o envelhecimento, morte e assim infinitamente.

Àquela época, na Índia, com exceção de um pequeno grupo de materialistas e céticos, a maioria da população aceitava alguma forma de renascimento ou transmigração; e o ideal que todos almejavam, que todos desejavam, era uma solução que pusesse fim a este ciclo da vida, que colocasse um termo ao nascimento e morte. A esta solução final ou salvação eles chamavam de Nirvana; mas, por este termo cada um entendia uma coisa completamente diferente de outra.

(...) Mas, para que a pessoa se habilitasse a percorrer este caminho rumo a uma solução final, era premissa básica da época de que a pessoa, antes de tudo, viesse a cortar todo e qualquer vínculo afetivo e material que ele pudesse ter nesta vida. Em palavras simples, isso significava tornar-se a pessoa um eremita, um asceta ou um *sramana*, que significa um **filósofo andarilho**. Por isso nós não ficamos surpresos que o Sidarta, que desejava uma solução final, tivesse escolhido este último caminho. Quem já conhece a vida lendária de Buddha sabe que nela este ato é apresentado como de grande sacrifício, de grande heroísmo e de abnegação.

Leiamos, agora, algumas dessas recordações do próprio Buddha relativas a esse período.

“Bhikkhus, Eu era refinado, extremamente refinado, excessivamente refinado. Na casa de meu pai tanques de lótus foram construídos unicamente para o meu benefício, florescendo num deles lótus azuis, num outro vermelhos e, num terceiro, brancos. Eu não usava sândalo que não fosse de Benares; meu turbante, túnica, as roupas de baixo e a capa eram todos feitos de tecido de Benares. Dia e noite um pára-sol branco era seguro por cima da minha cabeça a fim de que eu não viesse a ser incomodado pelo frio ou pelo calor, pela poeira ou areia ou orvalho.

Eu tinha três palácios: um para a estação do frio, um para a do calor e outro para a estação das chuvas. Durante os quatro meses chuvosos, no palácio para a estação chuvosa, eu era entretido exclusivamente por menestres femininos, e eu nunca saía deste palácio. Embora refeições de arroz quebrado e sopa de lentilha fossem dadas aos criados e empregados nas outras residências, na casa do meu pai estes eram servidos com arroz branco e carne.

Então, discípulos, ainda que dotado de tal boa fortuna e tal excessiva delicadeza, não obstante eu pensei: “Quando um homem ordinário e não-instruído, que está sujeito ao envelhecimento, que não está a salvo da velhice, vê uma pessoa envelhecida, ele fica perturbado, envergonhado e desgostoso; porque esquece que ele próprio não é uma exceção. Eu também estou sujeito ao envelhecimento, não estou a salvo da velhice, e assim não é apropriado que eu venha a ficar perturbado, envergonhado e desgostoso ao avistar um outro em idade senil.”

E quando assim refleti, todo o orgulho que tinha pela juventude inteiramente me abandonou.

(...) e o orgulho que tinha pela saúde inteiramente me abandonou. (...) e o orgulho que tinha pela vida inteiramente me abandonou.”

(Anguttara Nikâya I.145 [iii.38])

“Bhikkhus, antes da minha iluminação, quando eu ainda era um Bodhisatva não iluminado, eu também, estando eu mesmo sujeito ao nascimento, busquei aquilo que também estava sujeito ao nascimento; estando eu mesmo sujeito ao envelhecimento, enfermidade, morte, tristeza e contaminações, busquei aquilo que também estava sujeito ao envelhecimento, enfermidade, morte, tristeza e contaminações. Então considerei o seguinte: ‘Por que, estando eu mesmo sujeito ao nascimento, ao envelhecimento, enfermidade, morte, tristeza e contaminações, busco aquilo que também está sujeito à essas coisas? E se eu, estando eu mesmo sujeito ao nascimento, tendo compreendido o perigo daquilo que está sujeito ao nascimento, buscasse o que não nasce, a



suprema segurança contra o cativo, Nibbana. E se eu, estando eu mesmo sujeito ao envelhecimento, enfermidade, morte, tristeza e contaminações, tendo compreendido o perigo daquilo que está sujeito ao envelhecimento, enfermidade, morte, tristeza e contaminações, buscasse o que não envelhece, o que não está sujeito à enfermidade, o imortal, o que não está sujeito à tristeza, o que não é contaminado, a suprema segurança contra o cativo, Nibbana.”

(Majjhima Nikâya, Sutta 26)

“Antes da minha Iluminação, discípulos, enquanto eu ainda era um Bodhisatva, não iluminado, eu pensei: “A vida caseira é apertada e poeirenta; a vida de sem-casa é ampla e aberta. Não é fácil, vivendo numa casa, levar uma divina vida tão perfeita e pura quanto uma concha polida. Suponha que eu cortasse cabelos e barba, vestisse o manto amarelo e fosse embora da vida de casa para a de sem-casa?”

(Majjhima Nikâya, Sutta 36 – MN, Sutta 100)

“Então, eu, discípulos, após algum tempo, sendo ainda jovem, de cabelos pretos qual carvão, possuído de juventude radiante e nos primórdios da vida, cortei meus cabelos e barba — embora meus pais se opusessem e estivessem a chorar e a lamentar —, e vestindo o manto amarelo, fui embora da vida de casa para a de sem-casa. Assim, abracei a vida de asceta, buscando o que é salutar, procurando o incomparável, o sublime estado de paz.”

(Majjhima Nikâya, Sutta 26 – Sutta 36 – Sutta 85 – Sutta 100)

(...) Assim, nós vemos o Sidarta começar a sua vida de sramana (filósofo-andarilho), a sua carreira de aprendiz que se prolongará por seis anos; um período bastante curto se levamos em consideração o que ele conseguiu neste tempo. No início ele estudou com um mestre, Âlâra Kâlâma, e, com as instruções que dele recebeu, conseguiu atingir o mesmo estágio espiritual do próprio mestre; mas, não ficou contente, estava insatisfeito, porque, a seu ver, ele ainda não tinha alcançado a plena Iluminação. Então, largou este mestre, continuou a vagar por aí e foi estudar com Uddaka Râmaputta, um mestre bastante conhecido e que estava num estágio espiritual acima do mestre anterior (estágio este conhecido como nem-percepção-nem-não-percepção). Com este se repete a mesma história: com afinco e dedicação se entrega à prática, e em pouco tempo atinge o mesmo estágio espiritual deste mestre. Por sinal, um estágio elevadíssimo, e, a julgar pelo fato de que o Buddha nunca mais depois disto pôde encontrar alguém em estágio superior a este, é uma prova de que este seria o último estágio espiritual que se conhecia à época na antiga Índia.

Depois que ele largou também este segundo mestre, ele continuou sua vida de filósofo-andarilho por mais algum tempo; mas, muito pouco ele conta acerca deste período intermediário, aparentemente porque não deva ter achado algo importante. Finalmente, um dia, quando ele passava em revista tudo quanto já tinha absorvido, aprendido, praticado, ele notou, então, que havia ainda uma doutrina, uma só que a não tinha experimentado: era a doutrina da autoflagelação ou da automortificação.

Como sabemos, em outras partes do mundo também existiu a autoflagelação e até hoje existe. Nenhuma destas, porém, poderia comparar-se, em rigor, com aquela que existia na antiga Índia. Esta era constituída de uma vasta e riquíssima gama de modalidades e variedades. Cada uma, por sua vez, se compunha de uma grande série de práticas diferentes. Os métodos só eram limitados pela natural limitação da imaginação humana.

Então, Sidarta escolheu um grupo de modalidades de autoflagelação para experimentar. Aquelas que ele pensava que talvez o levassem a tal almejada Iluminação. E ele tomou a decisão de que haveria de experimentar essas autoflagelações com tal rigor que nunca nenhum ser humano antes dele as havia experimentado, nem conseguiria alguém depois dele a experimentá-las.

Por exemplo, uma dessas experiências refere-se a uma emoção das mais básicas no ser humano e também nos animais: o medo. Enquanto estudava com os dois mestres, o Sidarta havia feito uma descoberta



muito importante: certas emoções básicas como o medo e alguns estados mentais corrompidos, destorcidos, não existem naquelas pessoas que chamamos de santos ou que estejam em estágio espiritual bastante elevado — ou, pelo menos, aparentam não existir. Ao fazer uma autoanálise psicológica, Sidarta descobriu que estes estados, na verdade, estavam jazendo latentes no fundo do coração, embora completamente dominados e subjugados, e, para todos os efeitos, como que não existindo. Mas, de outro lado, ele, com base na intuição, na sabedoria, estava convencido de que sem erradicá-los completamente, extirpá-los, não se poderia chegar à Perfeita Iluminação. Por isso, decidiu levar a cabo algumas experimentações psicológicas, escolhendo, como cobaia, exatamente essa emoção, o medo, porque é uma das mais difíceis de erradicar. Havia um porém: conforme o Buddha conta nas suas memórias, situações comuns, que normalmente levariam as pessoas ordinárias ao pânico ou ao terror, nele, em Sidarta, devido ao estágio espiritual no qual estava na ocasião, não causariam o menor arranhão na sua mente. Por isso ele foi obrigado a maquinar, tramar e inventar situações artificiais para que pudesse evocar essa emoção e trazê-la à tona.

Vamos mencionar uma de suas experiências com o medo. Naquela época existiam terrenos baldios, cemitérios ao céu aberto, onde pessoas de certas crenças religiosas depositavam seus mortos para que fossem presas das aves de rapina e animais selvagens. Durante longo tempo, noite após noite, Sidarta passava, num desses cemitérios, deitado entre cadáveres, esqueletos, ora encostado nuns, ora abraçado a outros. A descrição que ele faz dos estados emocionais e mentais aos quais é submetido, é impressionante, como também serve de lição psicológica que, dificilmente, se poderia repetir hoje em laboratórios de uma maneira artificial.

A segunda modalidade que ele experimentou e que vamos mencionar aqui se refere à alimentação. Também neste caso, vou contar só uma delas, a mais moderada de todas, porque as outras poucas pessoas teriam estômago e nervos para escutá-la. Inicialmente, ele tentou aumentar o espaço de tempo entre duas refeições: de uma refeição por dia, passou para uma refeição a cada dois dias; depois uma a cada três dias, até tomar uma só refeição a cada quinze dias. Após, foi diminuindo a quantidade do alimento ingerido, até chegar a se alimentar com um grão de arroz por dia. (...)

“(...) Meu corpo tornou-se extremamente emaciado; todos os meus membros tornaram-se quais juntas de bambu — devido à pouca comida. A marca que deixava no assento era do tamanho do casco do camelo — devido à pouca comida. As projeções da minha espinha dorsal tornaram-se qual enfiada de contas — devido à pouca comida. Tal como o vigamento de um velho abrigo que se projeta para frente, assim mesmo minhas costelas estavam salientes; e como a água de baixo nível que cintila no fundo de um poço profundo, assim o brilho dos meus olhos surgia das profundezas das órbitas afundadas — devido à pouca comida. Quando eu pensava estar tocando a pele do meu abdômen, era a minha coluna que eu segurava, e quando pensava estar tocando na minha coluna, era a pele do meu abdômen que eu tocava — de tal maneira a pele do abdômen estava grudada à coluna, devido à pouca comida. Quando seres humanos me viram, eles disseram: “O sramana Gotama é preto.” Outros disseram: “O sramana Gotama não é preto, ele é marrom.” Alguns outros disseram ainda: “O sramana Gotama não é preto nem marrom; ele é de cor amarela.” A tal ponto minha tez pura e clara havia se deteriorado — devido à tão pouca comida.”

(Majjhima Nikâya, Sutta 36 – MN, Sutta 85 – MN, Sutta 100)

O resultado foi triste, porque provou a ele que a autoflagelação não levava à Iluminação. Além de ter o corpo debilitado ao extremo, o que era pior para ele — sua mente estava embotada. Ele se achava numa encruzilhada, num ponto crítico da sua vida; não havia sequer alguém de nível espiritual superior que pudesse orientá-lo; não se abria nenhum caminho à sua frente que pudesse levá-lo aonde queria chegar. Então, foi neste momento crítico que uma luz brilhou na escuridão; ele lembrou-se de um episódio passado: quando era um garoto ou, talvez, um adolescente — não está muito claro — ele havia ido ao campo com seu pai e, enquanto este trabalhava o solo com o arado, ele havia se sentado ao pé de uma árvore, na sombra, e, depois, espontaneamente, havia entrado num profundo estado de meditação de uma maneira completamente diferente, num método não conhecido até então. Nisto, Sidarta refletiu: será que se eu retomar esse método e o desenvolver até as últimas consequências, chegaria eu à Iluminação? E enquanto ele refletia, a intuição lhe veio de que o deveria experimentar.



Assim, ele tratou, antes de mais nada, de fortalecer o corpo para, com isso, dar condições à sua mente fazer a última tentativa. Isto é um ponto importante, porque nos mostra o inter-relacionamento entre corpo e mente. Depois, tratou de achar um lugar adequado para esta tentativa; e achou-o perto de um vilarejo de nome Uruvelâ (Bodh Gayâ), à margem de um rio, Nerañjarâ, de suave correnteza e águas cristalinas, margeado de bonitas e frondosas árvores de largas copas, que se espriavam para todos os lados formando uma sombra muito agradável, amenizando a alta temperatura que normalmente nesta época do ano chega a 45 graus na sombra. Ele achou este lugar muito delicioso e gostoso; escolheu uma árvore — conhecida como árvore-Bo (árvore da Iluminação, ficus religiosa) —, sentando-se ao pé dela, com a determinação de que ou ele se levantaria daqui como um iluminado, ou ficaria sentado lá até que pele e carne e osso e sangue viessem a secar completamente e se tornassem pó. Foi neste local, portanto, e sentado debaixo desta árvore durante sete dias e sete noites com as pernas cruzadas, que o Sidarta Gotama tornou-se um Buddha.

O resultado final desta Iluminação o Buddha descreve de duas maneiras. Na primeira versão:

(...) Assim eu, bhikkhus, estando sujeito ao nascimento, envelhecimento, doença, morte, tristeza e impurezas; tendo conhecido o perigo a eles inerente, (...) atingi o não-nascido, atingi o que está isento de envelhecimento e doença, atingi a não-morte, atingi o que está isento de tristeza e impurezas, atingi a suprema cessação dos liames — isto é, o Nirvana. Surgiram em mim a visão e o conhecimento: 'Inabalável é a libertação da minha mente. Este é o último nascimento. Não há mais vir-a-ser a nenhum estado.'

(Majjhima Nikâya, Sutta 26)

A outra versão é a mais popular, a mais repetida nas escrituras. As suas últimas frases dizem:

"(...) Com a mente assim composta, de todo purificada, inteiramente clarificada, sem mácula nem eiva, crescida maleável e destra, firme e invulnerável, eu dirigi minha mente ao conhecimento da destruição dos cancos (morais). Eu entendi conforme a realidade, de que: isto é sofrimento, isto é a origem do sofrimento, isto é a cessação do sofrimento, isto é o caminho que leva à cessação do sofrimento. Eu entendi conforme a realidade, de que: estes são os cancos (morais), isto é a origem dos cancos, isto é a cessação dos cancos, isto é o caminho que leva à cessação dos cancos.

Quando eu assim soube, assim vi, minha mente foi emancipada do cancro dos prazeres sensoriais, foi emancipada do cancro do vir-a-ser e foi emancipada do cancro da ignorância. Em liberdade, o conhecimento veio a ser de que eu estava emancipado, e eu compreendi: destruído está o nascimento, levado a termo está a divina vida, feito está o que havia para ser feito, não há mais disto para vir a acontecer."

(Majjhima Nikâya, Sutta 36 – MN, Sutta 22)

Iluminado, Buddha então levantou-se, encaminhou-se ao longo do rio e num outro lugar, escolhendo uma árvore, ficou lá sentado por mais sete dias, gozando as delícias da completa libertação. Buddha haveria ainda de repetir este deslocamento de sete dias cada, mais duas vezes. Finalmente, após ter aceitado como seus discípulos leigos dois comerciantes que o alimentaram¹, ele encaminhou-se a um dos lugares anteriores,

¹ Os comerciantes Tapussa e Bhallika estavam passando nas cercanias com sua caravana de mercadorias, quando um deva (ser radiante que reside numa esfera celestial) incitou-os a servir com alimento o Afortunado, dizendo-lhes que este acabara de se iluminar e que servi-lo seria para eles uma bênção e felicidade por muito tempo. Quando o Mestre acabou de se servir do alimento oferecido, os dois comerciantes disseram-lhe: "Nós, venerável Senhor, somos aqueles que vão ao Afortunado como refúgio e também ao Dhamma; que o Afortunado nos aceite como discípulos leigos idos ao refúgio, a partir deste dia e pelo resto da vida."

Assim, eles tornaram-se os primeiros discípulos leigos no mundo, usando a fórmula de duas palavras, isto é, se dirigiram ao bhagavâ (Afortunado e não Buddha) e ao Dhamma, já que o Sangha (Ordem) ainda não existia.



onde ficou sentado, de pernas cruzadas, em profunda contemplação. Após algum tempo, ele emergiu daquele profundo estado de meditação em que esteve mergulhado. E, quando voltou a si, uma dúvida perpassou-lhe na mente: ele acabara de descobrir algo muito profundo, complexo, difícil de compreender; ele contaria isto a alguém? Haveria alguém que pudesse entendê-lo?

“Este Dhamma que eu alcancei é profundo, difícil de ver e difícil de compreender, pacífico e sublime, que não pode ser alcançado através do mero raciocínio, ele é sutil, para ser experimentado pelos sábios. Mas, esta geração se delicia com o apego, está excitada com o apego, desfruta do apego. É difícil para tal geração como esta ver esta verdade, isto é, a condicionalidade isto/aquilo e a origem dependente. E também é difícil de ver esta verdade, isto é, o cessar de todas as formações, o abandono de todas aquisições, o fim da ânsia, desapego, cessação, Nibbana. Se eu fosse ensinar o Dhamma, os outros não me entenderiam e isso seria fatigante, problemático para mim.”

*‘Basta com a ideia de ensinar o Dhamma
que até para mim foi difícil alcançar;
pois ele nunca será percebido
por aqueles que vivem com a cobiça e a raiva.*

*Aqueles tingidos pela cobiça, envoltos na escuridão
nunca irão discernir este complexo Dhamma
que vai contra a torrente do mundo,
sutil, profundo e difícil de ser visto.’*

Pensando dessa forma, minha mente tendia à inação ao invés do ensino do Dhamma.”

“Então, bhikkhus, o Brahma Sahampati, soube com a mente dele o pensamento na minha mente e pensou: ‘O mundo estará perdido, o mundo estará destruído, já que a mente do Tathagata, realizado e completamente iluminado, se inclina à inação ao invés do ensino do Dhamma.’ Então, com a mesma rapidez com que um homem forte pode estender o seu braço flexionado ou flexionar o seu braço estendido, Brahma Sahampati desapareceu do mundo de Brahma e apareceu na minha frente. Ele arrumou o seu manto externo sobre o ombro e juntou as mãos numa reverenciosa saudação, dizendo: ‘Venerável senhor, que o Abençoado ensine o Dhamma, que o Iluminado ensine o Dhamma. Há seres com pouca poeira sobre os olhos que estão decaindo por não ouvir o Dhamma. Há aqueles que entenderão o Dhamma.’”

“Então, tendo ouvido o pedido de Brahma e por compaixão pelos seres, inspecionei o mundo com o olho de um Buda. Inspeccionando o mundo com o olho de um Buda, eu vi seres com pouca poeira sobre os olhos e com muita poeira sobre os olhos, com faculdades aguçadas e com faculdades embotadas, com boas qualidades e com más qualidades, fáceis de serem ensinados e difíceis de serem ensinados e alguns que permaneciam sentindo medo e culpa pelo outro mundo. Tal como num lago com flores de lótus azuis ou vermelhas ou brancas, algumas flores de lótus nascem e crescem na água e prosperam imersas sem sair da água, enquanto que algumas outras flores de lótus nascem e crescem na água e pousam sobre a superfície da água, e ainda, algumas outras flores de lótus nascem e crescem na água e sobem acima do nível da água permanecendo sem serem molhadas pela água; assim também, inspeccionando o mundo com o olho de um Buda, eu vi seres com pouca poeira sobre os olhos e com muita poeira sobre os olhos, com faculdades aguçadas e com faculdades embotadas, com boas qualidades e com más qualidades, fáceis de serem ensinados e difíceis de serem ensinados e alguns que permaneciam sentindo medo e culpa pelo outro mundo. Então respondi ao Brahma Sahampati em versos:

*Para eles estão abertas as portas para o Imortal,
que aqueles com ouvidos mostrem agora a sua fé.
Pensando que seria problemático, Oh Brahma,
eu não quis falar o Dhamma sutil e sublime.”*

(Majjhima Nikâya, Sutta 26)



Buddha iluminou-se numa idade bastante jovem — tinha trinta e cinco anos. Na época, na Índia, isto era adolescência na via espiritual, de maneira que custou, a muita gente, no início, acreditar neste fato. Quando, pouco depois da sua Iluminação, o Buddha se encontrou com o rei de Magadha e este lhe expressou sua admiração pela juventude de Buddha, o Mestre lhe disse: “Majestade, nesta vida quatro coisas jovens não devem ser negligenciadas nem menosprezadas. Quais quatro? Um incêndio jovem, uma jovem serpente, um príncipe jovem e um sramana jovem.”

Todo tipo de pessoa vinha a conversar com Buddha, de todas as camadas sociais; e ele atendia, a todos, com paciência. Algumas dessas pessoas queriam saber: era ele um onisciente? era ele um salvador? (...) Buddha expressou três princípios, que se chamam “Os três fatos básicos da existência”, que rege toda a existência:

Quer apareçam Tathagatas² (no mundo) ou quer não apareçam, isto permanece ainda um fato, uma condição firme e definitiva da Natureza — que todas as formações (condicionadas) são impermanentes... que todas as formações (condicionadas) estão sujeitas ao sofrimento e insatisfatoriedade... que todas as coisas carecem de substância própria. Um Tathagata é iluminado plenamente quanto a isto e o apreende completamente; tendo se iluminado plenamente quanto a, e apreendido completamente isto, ele declara, ensina, dá a conhecer, põe em evidência, descobre, disseca e aclara que todas as formações (condicionadas) são impermanentes... que todas as formações (condicionadas) estão sujeitas ao sofrimento e insatisfatoriedade... que todas as coisas carecem de substância própria.

(Anguttara Nikâya I.286 [III Sutta 134])

O Buddha, como vimos, foi um homem que chegou à Iluminação por seus próprios méritos. Ele teve que percorrer o caminho praticamente sozinho, e, para tanto, não contou com nenhuma ajuda externa de qualquer espécie, seja humana seja divina; e tão pouco as suas experiências interiores ele atribuiu, em momento nenhum, a uma possível inspiração divina. Como resultado disso, é natural que o ensinamento dele esteja imbuído deste espírito. No budismo, o empreendimento pessoal é altamente valorizado.

Buddha foi altamente prático, como se vê nos objetivos que escolheu quando era um aprendiz — na maneira como os executou e os praticou — mostrando um senso agudo de pragmatismo e prática. Outro traço que passou para o seu ensinamento, baseado na sua experiência de aprendiz, diz respeito ao conhecimento. O critério para a validade de um conhecimento é, exclusivamente, a experiência interior. Existe um trecho de um discurso de Buddha que ficou famoso. Ele, certa vez, falando com os cidadãos de uma cidadezinha, chamados Kâlâmas, disse o seguinte: Vós não deveis aceitar nada por ouvir falar, nem porque é tradicional, tampouco porque está nas escrituras; nem porque veio de alguma autoridade, ou porque alguma pessoa honrada o falou, e tampouco porque o Mestre o disse. Vós deveis aceitar tão somente aquilo que vós mesmos experimentam, descobrem, conhecem diretamente, de que a coisa é boa, é salutar, é conducente ao bem-estar de vós e de outros, e leva à pacificação do coração.

Buddha tinha uma atitude de completo mutismo diante de certos assuntos, em relação a certos temas, especialmente os metafísicos, o que lhe valeu o apelido de “Buddha, o silencioso”. A especulação é, digamos assim, uma fraqueza generalizada da humanidade; está no nosso sangue, faz parte da maioria das pessoas, senão de todas, e, se observamos nossas conversas diárias em círculos de amigos e outros, nós verificaremos com facilidade que boa parte dessas conversas são meras especulações. Nós opinamos sobre todos os assuntos, discutimos acerca de tudo, com a segurança daquele que sabe do que fala, quando, na verdade, não temos nenhuma base ou dados suficientes para formar uma opinião a respeito.

Mas, isto é, por assim dizer, conversas menores — muitas delas, talvez, inofensivas; mas nem sempre, porque sabemos que muitas delas levam a querelas entre as pessoas e até a assassinatos. No entanto, o que mais preocupou o Buddha na ocasião, eram as conversas de alto nível — as filosóficas e religiosas. Naquela época, como acontece também agora, discutia-se tudo: discutia-se, por exemplo, se o universo era finito ou

² Literalmente “aquele que vem como vem” ou “aquele que vai como vai”. Um dos títulos do Buddha.



infinito; discutia-se sobre Deus e deuses; sobre se o destino do homem era previamente traçado; sobre a alma e o corpo; sobre o que aconteceria após a morte; e mais sobre uma infinidade de assuntos afins. (...) Buddha via, nestes temas, um grande perigo; porque, em grau menor, como já mencionei, sendo temas para os quais não há respostas definitivas, satisfatórias para todo mundo, dá ensejo a divergências de opiniões. Divergências de opinião, quando defendidas com paixão, com todo o ardor, levam para sentimentos de inimizade, a ofensas mútuas, brigas e querelas, e, em grau maior, para guerra entre as nações.

Como fecho do nosso ensaio, leiamos um perfil moral de Buddha traçado pelos seus conterrâneos. O Buddha disse que os homens comuns conheciam-no por estas qualidades menores, mas que ele tinha qualidades infinitamente superiores a estas. Vamos ouvir estas qualidades “menores”.

Tendo abandonado a tomada de vida aos seres, o sramana Gotama é um abstinente de tomada de vida; ele que pôs de lado a vara e a espada, sentindo vergonha (moral), agora mostra bondade a todos os seres, e vive como seu amigo.

Tendo abandonado a tomada daquilo que não é dado, o sramana Gotama é um abstinente da tomada daquilo que não é dado; tomando somente aquilo que é dado, aguarda pelo donativo. Não cometendo nenhum furto, ele vive como alguém cujo ser é puro.

Tendo renunciado ao mundo e se tornado um seguidor da vida divina, o sramana Gotama vive afastado do que é mundano e abstém-se dos prazeres sensuais.

Tendo abandonado a fala mentirosa, ele é um abstinente da fala mentirosa; ele é veraz, fidedigno, firme, digno de confiança e não é embusteiro do mundo.

Tendo abandonado a fala caluniosa, é ele um abstinente de fala caluniosa; tendo ouvido (algo) aqui o não relata acolá com o fito de causar dissensão entre os de cá, ou tendo ouvido (algo) acolá o não relata aqui com o fito de causar dissensão entre os de lá; desta maneira ele é um conciliador dos divididos, ou um encorajador dos unidos. Ele acha prazer na harmonia, deleita-se na harmonia, regozija-se na harmonia e torna-se um enunciador de fala promotora de harmonia.

Tendo abandonado a fala rude, ele é um abstinente de fala rude; justamente aquela fala que é imaculada, agradável ou ouvido, afável, que toca o coração, polida, aprazível e encantadora a muita gente —, de tal tipo de fala torna-se ele um enunciador.

Tendo abandonado a tagarelice frívola, ele é um abstinente de tagarelice frívola; ele fala no tempo apropriado, fala daquilo que é real, fala do que tem sentido, fala do Darma (lei natural), fala dos regulamentos disciplinares; em tempo oportuno ele pronuncia palavras (que valem) entesourar, bem-fundamentadas, circunscritas e proveitosas.

(Anguttara Nikâya V.205 [X No.99])

Disse o Buddha:

“Assim como o vasto oceano é impregnado de um só sabor — o sabor do sal, assim também este Dharma (Ensino) está impregnado de um só sabor — o sabor da liberdade.”

(Vinaya Pitâka, ii.239; AN, VIII.19)